



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Gírlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Fernando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande



Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em  
história 5

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 5 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-121-0

DOI 10.22533/at.ed.210212605

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Esta é mais uma obra organizada pela Atena Editora para 2021, focando nas teorias e metodologias da pesquisa historiográfica em várias regiões do Brasil. O livro “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História”, volume 5, começa com artigos da região norte e nordeste do Brasil trazendo abordagens acerca das paisagens fluviais do rio Cocó, em Fortaleza, o educandário de Manaus-AM e também estudos sobre o tambor da mata no Maranhão.

Nesta obra você também encontra para leitura capítulos a respeito das relações raciais no ensino de história, um capítulo dedicado à revista Nova escola, dentre outros. Para além dos temas de ensino e metodologias, há também capítulos dedicados à pesquisa historiográfica com diversas fontes, seja por meio de periódicos, de memórias individuais e/ou coletivas, sobre os mais diversos temas: ditadura civil militar, estudos sobre a morte e utilização de mídias alternativas.

Em um momento de cortes de bolsas de pesquisas e de descrédito em relação à ciência brasileira, torna-se cada vez mais importante defender obras que divulguem pesquisas de qualidade desenvolvidas em várias regiões do Brasil. Muitos capítulos aqui publicados são frutos de longos anos de árduas pesquisas, muitas vezes financiadas por órgãos de fomento.

Espero que além de contribuir com pesquisas em andamento nas universidades, esta obra possa também ser incentivo para historiadoras e historiadores, que sejam pontos de diálogo e de construção do conhecimento histórico.

Boa leitura,

Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
AS TRANSMUTAÇÕES DA PAISAGEM DO RIO COCÓ Germana de Lima Girão Andrade Simone Menezes Mendes DOI 10.22533/at.ed.2102126051	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
HISTÓRIA DO EDUCANDÁRIO GUSTAVO CAPANEMA EM MANAUS DE 1942 A 1950 Adriana Brito Barata Cabral DOI 10.22533/at.ed.2102126052	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
TERECÔ, TAMBOR DA MATA, MATA ZOMBANA: LITERATURA ANTROPOLÓGICA E AGENCIAMENTO NAS TRAMAS DA ENCANTARIA MARANHENSE Victor Hugo Basilio Nunes DOI 10.22533/at.ed.2102126053	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
RELAÇÕES RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA Edenar Souza Monteiro Maria de Lourdes Fanaia Castrillon DOI 10.22533/at.ed.2102126054	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>45</b>
AS PROPOSTAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DE TEMAS SENSÍVEIS NO SUPORTE VIRTUAL DA REVISTA NOVA ESCOLA Márcia Elisa Teté Ramos DOI 10.22533/at.ed.2102126055	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
A ARTE EM AMÉRICA INDÍGENA: ÓRGANO TRIMESTRAL DEL INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO (1941-1960) Natally Vieira Dias Bruna Nunes de Souza DOI 10.22533/at.ed.2102126056	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>68</b>
AS RAÍZES HISTÓRICAS DO CAMPESINATO BRASILEIRO Cláudia Sousa Oriente de Faria DOI 10.22533/at.ed.2102126057	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>80</b>
A ESPERANÇA REPUBLICANA: ARTISTAS, OPERÁRIOS E PROFISSIONAIS LIBERAIS EM PERNAMBUCO (1875-1904) Flávia Ribeiro Braga DOI 10.22533/at.ed.2102126058	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
A DOCTRINA DA ESCOLA IBÉRICA DA PAZ E O DIREITO DE CONVERTER E SER CONVERTIDO	
Adelmo José da Silva Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2102126059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
USOS POLÍTICOS DA DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA NOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS DE DILMA ROUSSEFF (2011-2016)	
Júlia Bolognini Klassmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21021260510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>119</b>
PROFESSORA ELZA VIANNA: A PRIMEIRA DOCENTE NEGRA DE NATIVIDADE-RJ	
Márcia Aparecida de Souza	
Henrique Cunha Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21021260511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>128</b>
VIDA PÓS-MORTE NO CORPO SEM VIDA: TÉCNICAS DE EMBALSAMAMENTO E PRÁTICAS RELIGIOSAS	
Eduardo Mangolim Brandani da Silva	
Christian Fausto Moraes dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21021260512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS ALTERNATIVAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA ESFERA PÚBLICA	
Naiara Cristina Gonçalves Rocha Passos	
Andrea Ferraz Fernandez	
<b>DOI 10.22533/at.ed.21021260513</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>156</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>157</b>

# CAPÍTULO 3

## TERECÔ, TAMBOR DA MATA, MATA ZOMBANA: LITERATURA ANTROPOLÓGICA E AGENCIAMENTO NAS TRAMAS DA ENCANTARIA MARANHENSE

Data de aceite: 24/05/2021

Data de submissão: 06/05/2021

**Victor Hugo Basilio Nunes**

Programa de Pós-graduação em História -  
Universidade Federal de Goiás  
Goiânia - Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/6029709711009681>

**RESUMO:** As inserções das matrizes africana e indígena na história do Brasil vêm sendo pensada de maneiras distintas em diferentes tempos históricos, os postulados que norteiam tais reflexões nos informam das transformações sociais decorrentes das várias formas de conflito racial inseridos na dinâmica social. As novas possibilidades que esta temática alcança na produção acadêmica esta intimamente ligada às transformações sociais ocorridas no Brasil. Neste sentido, os estudos sobre religiões afro-brasileiras se inscrevem neste contexto como indicador de uma demanda social que aponta para revisões históricas sobre o papel dos negros e indígenas na formação social brasileira. Neste artigo discutiremos como o terecô, nome dado a encantaria de Codó-MA, vem sendo representado no campo dos estudos sobre as religiões afro-brasileiras. A construção do tema para a antropologia e o interesse do grande público demonstram as representações que se criaram sobre os poderes sobrenaturais daquela região que sem dúvida é local de forte tradição religiosa afro-brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terecô, encantaria maranhense, agenciamento.

TERECÔ, TAMBOR DA MATA, MATA  
ZOMBANA: ANTHROPOLOGICAL  
LITERATURE AND AGENCY IN THE  
WEAVE OF ENCANTARIA MARANHENSE

**ABSTRACT:** The insertions of the African and indigenous matrices in the history of Brazil have been thought of in different ways in different historical times, the postulates that guide such reflections inform us of the social transformations resulting from the various forms of racial conflict inserted in the social dynamics. The new possibilities that this theme achieves in academic production is closely linked to the social transformations that have occurred in Brazil. In the sense, studies on afro-brazilian religions are inscribed in this context as an indicator of a social demand that points to historical reviews on the role of blacks and indigenous people in Brazilian social formation. In this article we will discuss how terecô, the name given to the *encantaria* of Codó-MA, has been represented in the field of studies on afro-brazilian religions. The construction of the theme for anthropology and the interest of the general public demonstrate the representations that were created about the supernatural powers of that region, which is undoubtedly a place of strong afro-brazilian religious tradition.

**KEYWORDS:** Terecô, *encantaria maranhense*, agency.

### 1 | INTRODUÇÃO

A cidade Codó está localizada no leste



maranhense, possui território de 4.361, 344km<sup>2</sup> população estimada em 123.116 pessoas é classificada como bioma cerrado.<sup>1</sup> O início do povoamento de Codó ocorre em 1780 através de colonizadores portugueses e escravos africanos que passaram a desenvolver a agricultura. No século dezenove a produção de algodão ganha destaque naquela região, Codó é elevado à condição de cidade em 16 de abril de 1896, se destaca no processo de industrialização do Maranhão com a instalação da Companhia Manufatureira e Agrícola em 1892 que funcionou até 1962.

Localmente a região é chamada de Mata de Cocais devido à predominância da palmeira do coco babaçu. Tem como principais municípios Bacabal, Codó e Caxias, na região da Mata de Cocais uma religião surgiu, o terecô, essa religião tem como epicentro do seu surgimento o povoado de Santo Antônio dos Pretos que pertence ao município de Codó. Uma característica marcante dessa tradição é o culto aos encantados no qual se destacam os encantados da família de Légua Boji Bua, que viveram e se encantaram na região. A cidade de Codó pode ser compreendida como o grande centro difusor do terecô.

Mata zombana, tambor da mata, terecô foram os principais nomes que encontramos e que ao fim tratam da mesma forma de tradição religiosa afro-brasileira, que surge na Mata dos Cocais com destaque para a região de Codó. De acordo com relatos orais era praticado nas matas, sem local definido para evitar a perseguição policial. Nos anos 1930 com a chegada da Mãe de Santo Maria Piauí a Codó passa a sofrer influência da umbanda (FERRETTI, 2000) e ganha projeção internacional com a fama alcançada por Mestre Bitá do Barão se consolidando no imaginário nacional como terra de feiticeiros.

## 2 | LITERATURA ANTROPOLÓGICA SOBRE O TERCÔ: EM BUSCA DA PUREZA RITUAL

Iniciaremos nossa análise com a literatura antropológica produzida sobre o terecô. A trajetória dos estudos realizados sobre o terecô começa com o antropólogo Octávio da Costa Eduardo que esteve, entre 1943 e 1944, em Santo Antônio dos Pretos povoado situado na zona rural do município de Codó. Costa Eduardo (1966) produziu um estudo em comparação entre a área rural, Santo Antônio dos Pretos, e a área urbana, no caso São Luís, no que se refere às tradições afro-brasileiras. Em sua obra: “The Negro in Northern Brazil: a Study in Acculturation” (1966), defende a tese de que os rituais complexos foram descaracterizados no meio rural, afirma não ser possível reconhecer divindades africanas no que ele chama de “crenças rurais” e que no lugar de divindades africanas estão os encantados.

Rural belief. African deities, in recognizable form, are all but entirely absent in the religion of the rural Negroes in Maranhão, but in their place are African-like spirits called *encantados*, believed to “possess” certain persons during ritualistic dances. (COSTA EDUARDO, 1966 p. 57)

1 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/codo/historico> Acessado em: 18/01/2021.

O autor desqualifica o caráter sagrado do ritual sustentado na afirmação de ausência de cerimônias de iniciação, na ausência de um líder e no uso de bebida alcoólica durante o ritual o que ele compreende como fator desintegrador, vejamos,

The group which participates actively in the ritual for the *encantados* forms what perhaps may be thought of as a religious organization, though it is so formal that it can scarcely be termed that. It holds monthly or bimonthly dances which are almost the only occasions for formal participation in worship. Certainly admission to this group requires no ceremonies of initiation, while drinking on the part of most "members" during a dance deprives the ritual of some of its sacred character, and acts as a disintegrating factor. The group even lacks the direction of an acknowledged priest, though there are two men who take charge of the arrangements for the dances, and have important functions during them. (COSTA EDUARDO, 1966 p. 62)

Costa Eduardo (1966) destaca a ausência de iniciação, o uso de bebida alcoólica, a ausência de líder, para ele o *terecô* se caracteriza como um culto rural jêje descaracterizado e desintegrado quase que condenado a desaparecer.

Posteriormente, Roger Bastide (1971), baseado nos estudos de Costa Eduardo (1966), abordou o *terecô* na obra: "As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações" (1971). Para Bastide (1971) os *candomblés jêje-nagô* são compreendidos como de cultura mais avançada dotados de pureza ritual, sendo esses os *candomblés kêtú* da Bahia e a Casa das Minas do Maranhão. As demais religiões afro-brasileiras estariam mais próximas da magia o que justificaria a perseguição policial destas. Outro elemento destacado por Bastide (1971) em sua análise diz como o meio rural funcionou como elemento desagregador das tradições religiosas afro-brasileiras, para o autor o surgimento de seitas africanas organizadas estava condicionado ao meio urbano. Vejamos o que o autor nos diz,

No Maranhão, Octavio da Costa Eduardo descreveu o que resta das religiões daomeanas na cidadezinha de S. Antônio. Não há igreja católica nessa vila e a sua população mais ou menos se compõe quase que só de negros analfabetos e camponeses. Suas divindades ancestrais não morreram e aí ainda não se esqueceram dos nomes Verekete e Sobó; e a essas duas divindades daomeanas é mister acrescentar um deus ioruba, Eowa, uma deusa angola, Calunga, considerada aqui como a expressão da morte, enquanto sobreviveu no Rio de Janeiro sob outro aspecto – o de rainha do mar. Mas esses deuses não descem. E pensamos que não descem porque não existe cerimônia de iniciação. Já vimos que, para os Voduns e os Orixás poderem descer, é mister preliminarmente "fixá-los" na cabeça de seus filhos; os negros de S. Antônio não o esqueceram, mas como já não mais conhecem o segredo dos ritos propiciatórios, os deuses de seus pais já não podem subsistir, exceto como imagens mentais, não como realidades viventes. Foram os encantados que os substituíram, porque o seu culto é infinitamente mais simples, não exige sacrifícios pecuniários importantes, ao mesmo tempo em que dão aos fiéis a mesma alegria da possessão o mesmo transe místico. (...) Em certas casas se encontra o *mourão* central, que é também especificamente africano, isto é, daomeano, em torno do qual os fiéis rodam em sentido contrário aos dos

ponteiros de um relógio. Propriamente falando, não há sacerdote, e, como já dissemos, também não há iniciação, esta substituída simplesmente por um batismo, segundo o rito católico, do espírito que desce sobre um novo cavalo. Ao contrário do que ocorre nas seitas tradicionais, o número de homens montados pelos encantados é tão grande quanto o das mulheres. Esses encantados falam pela boca de seus filhos ou filhas, dão conselhos, receitam remédios, propõem os melhores meios para resolver dificuldades da vida. Em suma, essas festas parecem corresponder a uma dupla necessidade: à do divertimento em uma povoação que não tem muitas outras e à direção, tanto material como espiritual, de uma população isolada, abandonada à sua sorte. (BASTIDE, 1971 p. 397-398)

Buscamos problematizar certa compreensão que se tem a certa da religiosidade afro-brasileira organizada a partir da relação entre as noções de pureza e mistura que no campo das religiões afro-brasileiras se traduz em maior africanidade contrapondo-se ao sincretismo. Compreendemos que esta noção de africanidade destacada por Bastide (1971) se assemelha a ideias defendidas por autores como Nina Rodrigues (1988), Arthur Ramos (1951) e Edson Carneiro (1969) sobre o candomblé Baiano ao afirmarem a superioridade da tradição kêtu em detrimento das tradições banto e indígenas. Neste sentido a abordagem feita à religiosidade afro-brasileira no Maranhão privilegiaria a tradição jêje (mina) de São Luís em detrimento das tradições do interior em especial o terecô de Codó. Como observamos na citação acima Bastide (1971) se refere ao Maranhão destacando dois terreiros de São Luís, Casa das Minas e Casa Nagô, como exemplos da herança Daomeana e Yorubana, ressaltando sua africanidade.

Compreendemos que esta abordagem se organiza através dos mesmos pressupostos que orientaram os primeiros trabalhos sobre o candomblé na Bahia fundamentados nas noções de puro/misturado, sincretizado/africanizado, atribuindo à tradição kêtú-nagô o status de candomblé puro ou modelo a ser seguido. Nossa tese central se configura como crítica a essa ideia de pureza ritual que hierarquiza tradições, cultos e terreiros. É diante da dinâmica entre terreiros de candomblé e tendas de terecô que buscamos investigar de que forma essas práticas podem nos dizer dos conflitos identitários relacionados às chamadas nações no candomblé e no terecô.

Outra antropóloga que escreveu sobre o terecô foi Mundicarmo Ferretti, ela esteve em Codó nas festas de Mestre Bitá em agosto de 1986, Maria Piauí e Santo Antônio dos Pretos em junho de 1989. Em 1994 e 1996 esteve em Codó para assistir rituais realizados no terreiro de Mãe Antoninha, em 1997 esteve com Mãe Antoninha já doente. (FERRETTI, 2000 p. 99). Sua principal obra foi “Encantaria de “Barba Soeira”: Codó, capital da magia negra?” (2000), publicada pela Comissão Maranhense de Folclore.

A tese de Mundicarmo Ferretti (2000) consiste em defender a existência do terecô tradicional que tem em Mãe Antoninha sua guardiã. Outra forte característica de seu trabalho é a tentativa de desqualificar a importância de Mestre Bitá do Barão para a cidade de Codó compreendendo que Mestre Bitá contribuiu para a descaracterização do terecô

tradicional com a introdução de elementos da umbanda na encantaria codoense.

Apesar de se falar da existência, em Codó, de antigos “feiticeiros” (não terecozeiros) e da realização, por eles, de trabalhos para o “mal”, tudo indica que a fama de realização de trabalhos na “linha negra”, com Exu, por terreiros de Codó, começou depois da década de 1950 e da abertura dos salões de Maria Piauí e Bitá do Barão. Tudo indica também que o surgimento ou incremento dessa linha em terreiros de Terecô de Codó tenha ocorrido mais por influência recebida da Macumba do Rio de Janeiro e da filiação de terecozeiros codoenses à Federações de Umbanda capital e de outros Estados do que com a propalada “banda preta” de Légua Bogi. (FERRETTI, 2000 p. 167)

Mundicarmo Ferretti (2000) repudia toda forma de conexão do terecô com o feitiço e a magia, porém reconhece que a fama atribuída aos poderes mágicos daquela região está além do simples dilema de pureza ritual levantado por ela, vejamos,

A existência no Terecô de entidades “meio brancas e meio negras” e a existência, no passado, naquele município, de afamados praticantes da “magia negra” (feiticeiros ou curadores que, por dinheiro, faziam “qualquer trabalho”), deve ter facilitado a penetração da Quimbanda e pode explicar porque, atualmente, a “linha negra” tem sido recebida ali com tanta simpatia e naturalidade pelos terecozeiros de Codó e por sua clientela. (FERRETTI, 2000 p. 142)

Apesar de reconhecer que existe um mercado de trabalhos espirituais em Codó, desconsidera o papel das atribuições do poder espiritual no agenciamento que a comunidade local realiza, principalmente, as atividades econômicas relacionadas a trabalhos espirituais que se caracteriza como uma importante atividade econômica da cidade.

É evidente o interesse da antropóloga em defender que Mãe Antoninha representa o terecô tradicional,

Antoninha, como já falamos mais de uma vez, era conhecida como a mãe de santo mais antiga e mais apegada à tradição do Terecô de Codó. Além de ser um elo importante entre o povoado de Santo Antônio e a cidade de Codó, colocava, continuamente, a questão da tradição e da modernização do Terecô. Por essa razão, despertou o nosso interesse, desde o início da pesquisa. Apesar de Dona Antoninha ter morado algum tempo em São Luís e em São Paulo, de ter feito algumas outras viagens para fora do Maranhão, de ter feito um curso de Umbanda, por correspondência, e de ter feito alguma leitura umbandista, se apresentava como seguidora da tradição religiosa afro que recebera de sua mãe de santo e apegada às suas “pedrinhas”. Definia-se como “da mata do coco, da pedra, do chão” e dizia que não aceitava Exu e Pombagira em seu salão. Abria o tambor cantando “Dom Variê” e não “Ibarabô”, guardava suas pedras em casa em um caixão de madeira, e chamava de “vodunso” as entidades espirituais recebidas no Terecô, tal como foi encontrado por Costa Eduardo no povoado de Santo Antônio dos Pretos, em 1943-1944. (FERRETTI, 2000 p. 109)

Como podemos observar a autora busca fundamentar sua tese na compreensão de que existe um terecô tradicional e que Mãe Antoninha é sua representante máxima,

se apoia na descrição de Costa Eduardo (1966) destacando o povoado de Santo Antônio dos Pretos como marca de tradicionalidade no terecô. Mãe Antoninha faleceu em 1997 e passou, ainda em vida, sua tenda de terecô, a Tenda Santa Bárbara, para o comando de Mãe Maria dos Santos. Para Mundicarmo Ferretti a escolha na sucessão desta importante tenda não foi a melhor para a manutenção do terecô tradicional e novamente ela apresenta Mestre Bitá do Barão como articulador da descaracterização do terecô. Vejamos como a antropóloga se refere a Mestre Bitá e Mãe Maria dos Santos, duas importantes lideranças religiosas de Codó,

Maria dos Santos gostava de coisas modernas e de roupas luxuosas, com brilho. Em 6 de janeiro de 1994 iniciou o toque de gravador na mão e usou roupa nylon. Em 1995, “sonhava” com uma saia de lamê verde. Em dezembro de 1996 colocou som e venda de bebidas na festa de fim de ano do terreiro e, embora tenha feito roupa bordada em Richelieu para as tobôssas, usou, na abertura da festa, nylon trabalhado industrialmente. Gostava também de preparar mesa de doces e bolo confeitado nas festas de seus guias. O estilo de Maria dos Santos parecia pautado no do Bitá, que parece ter também influenciado Dona Antoninha que, apesar de mais velha do que ele, dançou muitos anos no seu salão e tinha por ele grande admiração. Logo após o falecimento de Dona Antoninha, parecia que aquela influência ia aumentar, pois antes dele ocorrer o Bitá já estava sendo apresentado como alguém que poderia orientar e acompanhar os passos da nova mãe de santo e o filho de Maria dos Santos fora preparado por ele. Na festa do fim de ano de 1996, a Tenda Santa Bárbara não parecia tão empenhada em desenvolver o “nagô de Codó” quando em acompanhar o movimento umbandista que ver crescendo na capital e no interior do Estado do Maranhão e que ali era liderado pelo Bitá.” (FERRETTI, 2000 p. 133-134)

Nesse sentido a afirmação da tradição e negação do agenciamento em torno do feitiço e do poder naquela região se caracterizam como um discurso político socialmente construído, no qual a antropóloga impõe a sua concepção sobre o que é tradicional no terecô para desqualificar inclusive a linha sucessória de uma tradicional tenda de terecô. Ressaltamos que nos contatos que tivemos com a comunidade do terecô em Codó percebemos um profundo respeito de todos por Mãe Maria dos Santos e a compreensão de que em seu barracão se bate o terecô tradicional ou como ela gosta de chamar a mata zombana.

Dentre os trabalhos acadêmicos mais recentes se destaca a tese de doutorado em antropologia de Martina Ahlert, “Cidade relicário: uma etnografia sobre o terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)”, defendida em 2013. Caracteriza-se como um importante trabalho etnográfico, riquíssimo em detalhes, que apresenta a territorialidade do terecô em Codó e nos traz dados importantes,

A Secretaria de Cultura e Igualdade Racial da Prefeitura Municipal de Codó (criada em 2009) estima que se pode encontrar, no município, um número aproximado de duzentas tendas, sejam elas de terecô, candomblé ou umbanda. A Associação de Umbanda, Candomblé e Religiões Afro-brasileiras de Codó e Região realizou um levantamento sobre a quantidade destes

locais e afirma que existem 294 tendas e 109 quartos de santo na cidade. Independente da discrepância entre os números encontrados é possível notar a grande presença destes espaços entre os 118.072 habitantes, dispostos na zona rural e urbana. (AHLERT, 2013 p. 23)

Para nos ajudar a pensar de forma ampliada as problemáticas quem envolvem a relação entre feitiço e religiões afro-brasileiras tão presentes no imaginário que cerca Codó, recorreremos a Yvonne Maggie que em seu livro “Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil” (1992), nos mostra que “a crença na magia e na capacidade de produzir malefícios por meios ocultos e sobrenaturais é bastante generalizada no Brasil desde os tempos coloniais” (MAGGIE, 1992 p. 22). Na obra percebemos que o feitiço passa a ser elemento de acusação que desqualificam terreiros, enquanto os terreiros vinculados às práticas mágicas, caracterizados como impuros eram mais reprimidos os que eram considerados “nagôs puros” alcançavam prestígio passando a ser considerados como religião, sendo menos perseguidos pela polícia. Maggie (1992) relativiza o feitiço na sociedade brasileira e problematiza a hierarquia operada pela ideia de feitiço nas religiões afro-brasileiras, vejamos o que ela nos diz,

Aprofundando a ideia, pode-se pensar que o Brasil é representado como uma sociedade hierárquica, relacional, porque aqui se acredita no feitiço, esse operador lógico da esfera da ação. Haveria sociedades totêmicas, que classificam grupos sociais igualitários. Como em Roberto DaMatta, a morte ou os mortos nesta sociedade, o feitiço é aqui considerado um bom contraponto para pensar a popularidade (no sentido de universalidade) da maneira de pensar relacionando. Estas conclusões levam a repensar a concepção de magia na sociedade brasileira contemporânea e o modo como ela se relaciona com as concepções de religião. A teoria da feitiçaria implica nessa ideia de um sistema de pensar, de uma forma de conhecimento diferente a ciência e da religião, sobretudo porque pode correr paralelamente a elas. O feitiço não seria sobrevivência do arcaísmo na sociedade brasileira. Está no centro mesmo da sua maneira de pensar contemporânea. (MAGGIE, 1992 p.273-274)

Como nos mostra Maggie (1992) ao pensarmos sobre a representação de Codó no imaginário nacional, como “capital da macumba”, pensamos também sobre o lugar do feitiço na sociedade brasileira. Destacamos a importância de pesquisas como a que apresentamos neste artigo para se aprofundar nos estudos sobre as religiões afro-brasileiras problematizando concepções etnocêntricas que alimentam teorias como o nagô-centrismo.

Percebemos na história das religiões afro-brasileiras no Maranhão a presença de múltiplos agenciamentos. Compreendendo como agenciamento a relação que se estabelece entre o indivíduo e a estrutura, como diálogo entre tradição e renovação, como espaço de transação e negociação, no qual se estabelece uma tensão em torno do termo tradicional, destacando o caráter processual. Estas características reforçam a abordagem que propomos, direcionada para uma visão processual em contraposição a uma visão essencialista. O agenciamento como nos mostra Hannerz (1997) supõe necessariamente



uma trajetória que é histórica e determinada por múltiplos fatores e uma origem que é uma experiência primária, individual, mas que também está traduzida em saberes e narrativas aos quais vem se acoplar. Ao entrarmos em contato com o universo do terecô adotamos um posicionamento de abordagem que se distancia das oposições: tradicional/descaracterizado, puro/misturado, entendemos que os binarismos devem ser deixados de lado e que o olhar lançado às religiões afro-brasileiras deve ser orientado por uma compreensão processual evitando o essencialismo.

### **3 | ESSENCIALISMO E AGENCIAMENTO DA MISTURA**

Existem resistências em aceitar formas de hibridação porque geram insegurança nas culturas e desconstroem pretensões etnocêntricas. De todo modo, a intensificação da interculturalidade favorece intercâmbios. Canclini (2001) ao falar da hibridação defende mais tradução e traição do que tradição defende, portanto, a mistura.

Como nos mostra Oliveira (1996) devemos ter em mente que as nações no contexto das religiões afro-brasileiras se constituem a partir de múltiplos agenciamentos e que estão muito mais ligadas as reconfigurações e identificações na América do que a sua origem africana. Pode-se argumentar, por esse motivo, que o repertório de classificações étnicas na América não passa de atribuições, que terminariam por colocar-se aos mesmos como rótulos. Segundo esta perspectiva é que se problematiza a atribuição dos nomes étnicos aos grupos africanos na América, considerando que os nomes de nação no contexto das religiões afro-brasileiras ficaram conhecidos em tal região, sem se questionar a lógica que presidiu tal processo. Todavia, diversos elementos nos indicam que os nomes étnicos transformaram-se em formas auto descritivas introjectadas, individual e socialmente. Destacamos que nossa ênfase, ao problematizarmos a etnicidade na religiosidade afro-maranhense, não está na permanência das práticas, mas sim nas transformações, reconfigurações, o processual em detrimento do essencialismo. O que nos interessa não é o que permaneceu, mas sim o que se reconstruiu, a diversidade e o agenciamento das religiões afro-brasileiras produzindo um contraponto às ideias de pureza e africanização nas diferentes tradições que formam os cultos afro-brasileiros.

Para Prandi (1991) as religiões afro-brasileiras são formadas por nações. A palavra nação, neste contexto, pode ser definida como uma nação política, que se organiza entorno de práticas e ritos partilhados pelos terreiros pertencentes à determinada nação buscando sua origem na diáspora africana nas Américas. Desta forma os grupos que falavam a língua yorubá entre eles os de Oyó, Abeokutá, Ijexá e Egbá vieram constituir o candomblé denominado de nação kêtú. Kêtú era uma cidade que ficava onde hoje está a Nigéria, mas no Brasil passou a designar o culto de candomblé da nação kêtú. O que é chamado de nação jêje é a tradição religiosa formada pelos povos vindos da região do antigo Reino do Dahomé, reino africano que durou do século dezessete a dezenove. Situado no atual Benin

estabeleceu intensas relações com comerciantes de escravos, comércio alimentado com inúmeras guerras com os povos de língua yorubá. A língua dos candomblés jêje é o fon. Os candomblés da nação angola foram desenvolvidos no Brasil com a chegada de africanos vindos de Angola e Congo de língua banto.

Essa afirmação nos apresenta um tipo de sincretismo, não entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo, mas entre diferentes nações e divindades, o que não é comum no universo religioso afro-brasileiro, cada vez mais inclinado na busca de uma pureza de ritual. Levantamos como possível explicação ao posicionamento de manter em um terreiro diferentes nações, o agenciamento frente às transformações ocorridas no cenário da religiosidade afro-brasileira.

Neste sentido problematizamos certa compreensão que se tem a certa da religiosidade afro-brasileira maranhense organizada a partir da ideia de que a capital, São Luís, seria detentora de culto mais puro, com relação à noção de africanidade, e o interior, especialmente Codó, mais sincrético. Compreendemos que a abordagem feita à religiosidade afro-brasileira no Maranhão privilegiaria a tradição jêje (mina) de São Luís em detrimento das tradições do interior em especial o terecô de Codó.

Ressaltamos que as nações no campo da religiosidade afro-brasileira não têm uma correspondência linear no seu processo de formação no continente africano e transferência para a América. Em muitos casos, as denominações de certos grupos eram atribuídas por povos vizinhos. Em outros casos, os portos de embarque podem ter sido um dos critérios na elaboração de categorias tais como, Mina, Angola, Cabo Verde, dentre outros, que posteriormente deram origem as nações hoje observadas no Brasil em candomblés, maracatus, congadas e outras manifestações da religiosidade e cultura afro-brasileira. É bem provável que muitas dessas denominações não correspondessem necessariamente às autodenominações étnicas utilizadas pelos africanos em suas regiões de origem. É levando em conta estes elementos que devemos entender a formação de uma série de nações africanas no contexto colonial brasileiro. Luís Nicolau Parés (2007) nos mostra que,

Nagô, Anagô ou Anagonu era o etnônimo ou autodenominação de um grupo de fala iorubá que habitava a região do Egbado, na atual Nigéria, mas que emigrou e se disseminou por várias partes da atual República do Benim. Ao mesmo tempo, os habitantes do Daomé, reino que se manteve desde meados do século XVII até o final do século XIX, começaram a utilizar o termo “nagô”, que na língua fon tinha provavelmente um sentido derogatório, para designar uma pluralidade de povos iorubá-falantes sob a influência do reino de Oyo, seu vizinho e temido inimigo. Desse modo, uma autodenominação étnica, restrita a um grupo particular, passou a ser utilizada por membros alheios a essa comunidade para assinalar um grupo de povos mais amplo. A lógica dessa generalização reside no fato de esses povos compartilharem uma série de componentes culturais, como língua, hábitos e costumes. Com o tempo, esse grupo de povos de fala iorubá passou a assimilar a denominação externa imposta pelos daomeanos e, uma vez despreendida do seu sentido derogatório inicial, a utilizá-la como autodenominação. Por sua

vez, os traficantes europeus apropriaram-se do uso local que os daomeanos faziam do termo "nagô", e este foi assim transferido ao Brasil, preservando a dimensão genérica e inclusiva estabelecida pelos daomeanos. (PARÉS, 2007 p.25)

Para compreendermos melhor este cenário é preciso explorarmos os limites e as possibilidades dos conceitos de hibridismo, sincretismo e agenciamento, que nos ajudam a compreender como as nações de candomblé se constituem como arena de disputa por prestígio nas relações entre terreiros no universo das religiões afro-brasileiras. Para Ulf Hannerz (1997) hibridez parece ser atualmente o termo genérico preferido, talvez por uma fácil mobilidade entre disciplinas. Como nos mostra o autor, apesar de seu tom biológico é um termo forte principalmente no campo dos estudos literários, em grande parte pela presença na obra de Mikhail Bakhtin (2010). É possível inferirmos que, para Bakhtin, a hibridez representava antes de tudo a coexistência de duas línguas, duas consciências linguísticas, mesmo dentro de uma única fala. Para fazer a crítica cultural do colonialismo, a hibridez passa a significar a subversão, a desestabilização da autoridade cultural colonial. Para Ferreti (2014) o hibridismo remete a uma metáfora biológica adotada no século XIX, muitas vezes na perspectiva de imprimir caráter científico ao comportamento humano. Autores como Canclini (1997) diferenciam o termo hibridismo de sincretismo, por considerarem que sincretismo está mais relacionado com religiões e hibridismo com outros aspectos da cultura. Ferreti (2014) conclui,

Que não reconhecemos a existência de grandes diferenças entre sincretismo e hibridismo, embora possam ser diferenciados [...] podemos considerar que, em sociedades como a nossa, o sincretismo pode ser considerado como fato social total, relacionado com instituições religiosas, políticas, familiares, econômicas, estéticas, culturais, que ao mesmo tempo é imposto e voluntário. A sociedade brasileira é complexa e se caracteriza pelo encontro e a mistura entre povos e culturas diversas, e este encontro é enriquecedor. Assim a mistura e o sincretismo constituem elemento central em nossa sociedade, como pode ser evidenciado, entre outros aspectos, nas religiões e na cultura popular (FERRETI, 2014 p.30).

Canclini (2001) chama a atenção para a hibridação como um conceito em construção, que pode ser compreendido como um termo de tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e os vocábulos empregados para designar misturas particulares. O autor destaca que talvez a questão decisiva não seja estabelecer qual desses conceitos abrange mais e é mais fecundo, mas sim, continuar o debate em torno de princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar as relações mais traduzíveis, ou seja, a aceitar o que cada um ganha e perde ao hibridar-se.

Ao entrarmos em contato com o universo do candomblé e do terecô adotamos um posicionamento de abordagem que se distancia das oposições: tradicional/descharacterizado, puro/misturado, entendemos que os binarismos devem ser deixados de lado e que o olhar lançado às religiões afro-brasileiras deve ser orientado por uma compreensão processual

evitando os essencialismos.

## 4 | CONSIDERAÇÕES

A ideia de quanto mais próximo da África mais puro produziu o processo de africanização, observado não só aqui no Brasil, mas no contexto de religiões afro-caribenhas, conforme evidencia Capone (2004). Nesse sentido a preservação da tradição, afirmação de africanidade e negação do sincretismo se caracterizam como um discurso político socialmente construído.

Isso nos mostra que as tradições são reinterpretadas e transformadas, os discursos que marcam a diferença que legitima ou desqualifica um terreiro com relação a outros abrem um campo a ser trabalhado: o que está por trás e qual a função política da noção de tradição que hierarquiza terreiros? É na problemática da africanização, da intenção de estabelecer um vínculo com a África que assume um sentimento político, que se estabelece o paradigma de pureza, em que, a busca de um tradicionalismo africano se contrapõe as características afro-brasileiras.

Compreendemos que há lacunas que abrem possibilidades outras a serem trabalhadas tais como, observar se essa relação polarizada entre tradicional/descharacterizado realmente existe. Se há uma visão essencialista da cultura e a compreensão de uma coerência formal que privilegia o culto com relação ao indivíduo.

## REFERÊNCIAS

AHLERT, Martina. **Cidade relicário: uma etnografia sobre o terecô, precisão e Encantaria em Codó (Maranhão)**. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, 2013.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. 6ª edição São Paulo: Hucitec, 2010.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: Tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas, poderes oblíquos. In: **Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, EDUSP, 1997, p.283-350.

CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas. In: **Introdução à Edição de As Culturas Híbridas em Tempos de Globalização**. São Paulo: EDUSP, 2001, p.XVII-XL.

CARNEIRO, Edison. **Candomblés da Bahia**. Edições de Ouro. Rio de Janeiro, RJ. 1969. [1948]

COSTA EDUARDO, Octavio da. **The Negro in Northern Brazil: a Study in Acculturation.** Washington: University of Washington Press - Seattle and London, 1966. [1948]

FERRETTI, Sergio. **Sincretismo e hibridismo na cultura popular.** Revista Pós Ci. Soc. v.11, n.21, jan/jun. 2014.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Encantaria de “Barba Soeira”: Codó, capital da magia negra?**, São Luís: Comissão Maranhense de Folclore-CMF, 2000.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional.** Mana vol.3, n.1, 1997, p. 7-39.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

OLIVEIRA, Maria Inês Côrtes de. **Viver e morrer no meio dos seus: nações e comunidades africanas na Bahia do século XIX.** Revista da USP, São Paulo (28), 1996, p. 174-193.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia.** 2ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

PRANDI, José Reginaldo. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova.** São Paulo: HUCITEC: Editora Universitária de São Paulo, 1991.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1988. [1932]

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro: etnografia religiosa.** 3ª edição São Paulo: editora nacional, 1951. [1934]

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arte 57, 58, 59, 60, 61, 65, 66, 82, 87, 93, 154

### C

Campesinato brasileiro 68, 70, 72, 73, 74, 77, 78, 79

Classe camponesa 68, 76, 77

### D

Desenho urbano 1

Discurso político 27, 32, 108

Ditadura civil-militar brasileira 108, 109, 112, 116, 118

### E

Educação 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 34, 36, 38, 41, 42, 43, 45, 52, 53, 56, 81, 84, 86, 92, 119, 120, 123, 125, 126, 127, 156

Educandário 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

Ensino de História 34, 35, 40, 42, 45, 46, 53, 55, 56, 156

Escravidados 34, 37, 39, 40

Esfera pública 147, 148, 149, 152, 155

### H

Hanseníase 11, 12, 21

história 11, 19, 21, 22, 28, 33, 35, 38, 39, 40, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 60, 68, 70, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 93, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 127, 129

História 11, 12, 21, 22, 34, 35, 36, 37, 38, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 60, 66, 77, 80, 85, 93, 94, 95, 97, 98, 118, 122, 127, 128, 147, 155, 156

HISTÓRIA 34, 45, 52, 111

História africana e afro brasileira 34

História da Filosofia 95

História do Direito 95

História Ibérica 95

História Pública 45, 47, 48, 56

### I

Indigenismo 57, 58, 60, 61, 66



## **M**

Memórias sociais 119

Mídias alternativas 147, 148, 150, 151, 152, 153

Mulheres 14, 16, 18, 25, 35, 38, 39, 41, 42, 62, 63, 81, 87, 89, 90, 92, 121, 127, 132, 142, 154

Múmias 128, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

## **P**

Paisagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 74

Positivismo 80, 81, 82, 84, 93, 94

Práticas religiosas 128

## **R**

Raízes históricas 68

Relações raciais 34, 35, 39, 42

Republicanismo 80, 81

Rituais fúnebres 128

## **S**



Sensibilidades 48, 156

## **T**

Terecô 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32

Trabalhadores 35, 74, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 110, 149

Trajetória profissional 119, 124

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 5

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)